

WALTER

Não consigo me recordar do motivo exato pelo qual fui ao depósito. Apenas sei que, enquanto eu fuçava as caixas empoeiradas cheias de troços antigos, encontrei um caderno que minhas mãos instintivamente reconheceram. Ao abri-lo, não pude acreditar na aberração dos meus sentidos.

O mal disfarçado espanto deparou-se com lábios marotos assustadoramente reais.

O menino que havia literalmente saltado das páginas do meu velho diário pigarreou. Quando nossos olhos se encontraram, ele se apresentou com uma gravidade solene: seu nome era Walter.

Bufei uma risada de descrença e quis retrucar que não era necessário mentir tão estupidamente, mas o franzir de suas sobrancelhas indicava uma veemência que não admitia censuras tampouco complacência. Mordi os lábios e assenti me permitindo compreender o estranho que exibia meus traços e que tinha uma petulância contrafeita.

Ele encetou suas estranhas confidências aborrecido e senti uma pontada de culpa até ele explicar que descobriu, naquele dia, que histórias maravilhosas como a de Chapeuzinho Vermelho estavam sendo deturpadas: o menino estava penosamente transtornado com a ideia de que um caçador matasse o pobre lobo para salvar a menina tola e a sua vovó.

Argumentava renitente que o animal precisava comer para sobreviver. Ora, seus olhos eram grandes porque eram atentos, e suas orelhas precisavam ser aguçadas para ouvir da cama os passos de sua próxima presa. Provavelmente, pais devem ter colocado o herói na história para acalmar seus filhos amedrontados durante as noites de lua cheia. Mas, eles não deviam acobertar com mentiras a inocência das crianças! Salvadores não surgem magicamente quando estamos em maus lençóis!

Enquanto Walter tecia comentários e concatenar ideias desassossegado, não pude deixar de sorrir melancólico rememorando os dias em que eu era apaixonado pelas estórias que me contavam. Eu havia me esquecido que já amei aberta e honestamente algum dia. Não sei quando fui eivado de medo e insegurança nos assuntos que envolvem o coração. Além disso, eu sabia que uma das coisas que estava incomodando Walter era a necessidade absurda e constante de os pais protegerem seus filhos. Ele ansiava sair das asas dos pais e se embrenhar no mato, no mar ou - raios- no céu; buscando, ele mesmo, um lugar ao sol.

Oh! Ele devia ter parado de falar há algum tempo. Quando pisquei, Walter me observava como que esperasse por uma resposta e eu apenas sorri, acanhado. Cocei as têmporas indeciso enquanto seu olhar perquiridor me julgava naquele átimo infinito. Suspirei pesadamente e, optando por desviar do assunto, indaguei sobre o motivo de seu pseudônimo insólito. Contudo, eu me arrependi imediatamente: vi nele o arregalar de olhos nos quais se desenhava a surpresa que ele experimentava em face a tamanha idiotice.

Os segundos se arrastavam quando Walter abriu a sua boca de novo. Todavia, ele logo a fechou de novo e sorriu travesso como que soubesse de algo do que eu não detinha conhecimento - o que era um ridículo contrassenso, porque ele devia possuir uma meia década a menos do que eu.

Irritado, fechei abruptamente o meu diário repleto de garranchos que estava no chão. No mesmo momento, Walter desapareceu. Perplexo, procurei o menino pelo depósito inteiro e confesso que até mesmo abri repetidamente o diário na esperança absurda de que Walter fosse pular das páginas riscadas de novo. Algum tempo depois, mesmo decidido a acreditar que eu estava delirando após inalar poeira demais, não pude deixar de lançar um olhar furtivo em direção ao local onde Walter estava, antes de trancar a porta do depósito.